

**REPENSANDO A ESCOLA
ENQUANTO APARELHO DISCIPLINADOR**

Nelagley Marques (UEMS/ UNIDERP)

nelagley@gmail.com

Maria Leda Pinto (UEMS)

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discorrer, por meio de um olhar para o corpo, sobre o poder disciplinar e sua relação com um tipo de discurso recorrente na instituição escolar por parte da equipe técnica (gestores, coordenadores e supervisores) da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS (REME). Para tanto, faço uso de um recorte de discurso retirado de um relatório de acompanhamento pedagógico feito em uma escola. Nessa perspectiva, revisitei o referencial foucaultiano, o qual me permitiu analisar o que me inquietava, pois foi Foucault (1979) que primeiro mostrou de que maneira as instituições sociais têm contribuído para fabricarmos “sujeitos”. Dessa maneira, faço uma breve apresentação do tema, e na sequência trago uma discussão sobre os conceitos de análise do discurso, poder disciplinar e controle do corpo no cenário educacional. Ademais, teço uma sucinta descrição da escola enquanto instituição disciplinar. Por fim, convido o leitor a refletir sobre o assunto, para que ele possa ampliar as possibilidades de análise sobre o tema.

Palavras-chave: Instituição Escolar. Poder Disciplinar. Controle do Corpo.

1. Introdução

Não sou um escritor, um filósofo nem uma grande figura da vida intelectual: sou um professor. (FOUCAULT, 2004, p. 294)

Por meio dos acompanhamentos pedagógicos realizados por mim junto aos 120 professores de língua estrangeira da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS (REME) ao longo de 10 anos. Pude observar que, quando a equipe técnica escolar solicita a intervenção pedagógica do técnico de área da Secretaria Municipal de Educação – SEMED, a maioria se queixa da “falta de domínio de sala de aula do professor”, o que me despertou o interesse de discorrer sobre esse assunto.

Desse modo, por meio dos estudos de Foucault pude refletir sobre o tema a discorrer e estreitar cada vez mais a minha relação com a sua teorização, no sentido de passar por um rigoroso processo de questiona-

mento e desestabilização, para que eu pudesse colocar em “xeque” a minha própria trajetória dentro da instituição escolar.

A partir dessa premissa, busquei os fundamentos necessários que me permitisse analisar o que me inquietava, e mais especificamente no caso, um estudo sobre a escola enquanto instituição disciplinar aliada ao processo de compreensão de sua própria existência, bem como de duas importantes forças: o poder disciplinar e o controle do corpo.

Considero o pensamento de Foucault bastante produtivo para refletir acerca do cenário educacional, em razão de suas análises investigativas que propositalmente nos fazem ler e reler mais e mais suas obras, na busca de compreender as formas que o filósofo encontrou para que discutíssemos a necessidade de indagação permanente frente ao que propomos analisar.

Por sua vez, na sequência, apresento algumas reflexões sobre a análise do discurso proposta por Foucault para melhor contextualizar o objeto de estudo que me proponho a discorrer.

2. Algumas considerações sobre a análise do discurso

A análise do discurso é uma prática e um campo da linguística e da comunicação especializada em analisar construções ideológicas presentes em um texto, sendo que o objeto de sua análise é o próprio discurso.

Com efeito, o discurso é a prática social de produção de textos. Isto significa que, todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção; significa ainda que, o discurso reflete uma visão de mundo determinada e necessariamente vinculada à do(s) seu(s) autor(es), e à sociedade em que vive(m).

Desta maneira, o texto é o produto da atividade discursiva e o contexto é a situação histórico-social de um texto, envolvendo não somente as instituições humanas, como ainda, outros textos que sejam produzidos e com ele se relacionem.

Portanto, para a interpretação de um texto deve-se, de imediato, saber que há um autor, um sujeito com determinada identidade social histórica e, a partir disto, situar o discurso como compartilhando desta identidade.

Por sua vez, sua importância para a análise do discurso está em contextualizar os discursos como elementos relacionados em redes sociais e determinados socialmente por regras e rituais, bem como modificáveis na medida em que lidam, permanentemente, com outros textos que chegam ao emissor e o influenciam na produção de seus próprios discursos.

Analisar o discurso para Foucault (1996) seria dar conta exatamente disso: de relações históricas e de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos. Em sua obra “A Ordem do discurso”, o autor sublinha a ideia do discurso como

...gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1996, p. 56).

Em verdade, exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações de dentro de um discurso, segundo o qual, se sabe o que pode e deve ser dito, considerando o campo e de acordo com certa posição ocupada nesse campo. Supõe-se que em toda sociedade, a produção do discurso é, de certa forma, controlada, selecionada e organizada.

Após as considerações preliminares sobre a prática do discurso, proponho uma breve análise de um recorte de discurso retirado de um dos relatórios de acompanhamento pedagógico de uma determinada escola da REME. Na ocasião, o gestor escolar solicitou a minha presença como técnica de língua estrangeira para intervir no trabalho da professora.

Disse ele: “O problema dessa professora é que ela não tem domínio de sala, aí fica difícil. Já a professora do outro período é ótima, ela tem um excelente domínio de sala”.

É importante esclarecer que esse tipo de discurso se assemelha a muitos outros encontrados nos inúmeros relatórios que eu pude registrar

durante 10 anos de trabalho na função de técnica da referida área do conhecimento nas escolas públicas municipais.

Conforme o recorte acima, a ideia do bom professor consiste e insiste no conceito de que o bom profissional da educação é aquele que consegue, nesse contexto, manter em silêncio em média 40 alunos por sala.

Todavia, se o professor consegue promover um insumo de qualidade nas aulas, ou até mesmo se propõe a uma metodologia mais inovadora que corresponda aos anseios de seus alunos e que contemple também momentos de descontração, interação e colaboração, fundamentais para aprendizagem, esse profissional não é tão positivamente visto e avaliado na instituição escolar.

A partir da teorização foucaultiano, o que se pretende é buscar possíveis respostas do porque a disciplina escolar ainda é vista como mecanismo fundamental para o gerenciamento dessa instituição.

Para Foucault (1996), todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou selecionar a apropriação dos discursos, considerando as relações de saberes e poderes.

O referido autor afirma que o sistema de ensino é, senão, uma ritualização da palavra, uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam e, ainda, define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso, constituindo um grupo doutrinário.

Outro ponto que merece destaque é entender que o discurso evidenciado como tema deste artigo, vai se cristalizando com o tempo e sendo reforçado por toda a equipe técnica da escola, pelo qual podemos entender que disciplinar é tanto organizar e classificar os indivíduos como domesticar os corpos e suas vontades.

Diante desse contexto, é preciso inquietar-se com teorias totalizantes de explicação da realidade social e atentar-se para a descrição minuciosa de práticas sociais em sua descontinuidade histórica, imersas em relações de poder, produzidas discursivamente e, ao mesmo tempo, produtoras de dispositivos de controle, discursos e saberes.

É preciso questionar o por quê isso é dito, desta maneira, nesta situação, neste tempo e neste lugar. É preciso investigar sobre as posições necessárias ao falante, para que ele efetivamente possa ser sujeito do

enunciado, num inevitável embate com sua consciência, por meio de reflexões, ambicionando jamais cindir-se, posicionando-se distintamente e afirmando sua própria integridade.

E, finalmente, viver o discurso como um processo, como possibilidade de transformação, como desejo de distanciar-se de si próprio e empreender um esforço de pensar diferente do que se pensa.

Para tanto, o que se propõe em seguida é analisar como a escola enquanto instituição disciplinar fabrica sujeitos, isto é, fabrica corpos “assujeitados” por meio do poder disciplinar e do controle do corpo.

3. O poder disciplinar e o controle do corpo

Como foi discutido anteriormente, me fascina a ideia de discorrer sobre a instituição escolar numa perspectiva foucaultiana, ao mesmo tempo, considero bastante pertinente o pensamento do referido autor para analisarmos e discutirmos duas questões relevantes: o poder disciplinar e o controle do corpo.

Em face à proposição mencionada acima, é essencial definir o termo controle que aparece de maneira bastante evidente nas obras de Michael Foucault, a partir de 1971-1972, e designa, num primeiro momento, uma série de mecanismos de vigilância que aparecem na fabricação do homem da modernidade.

A fabricação do homem moderno, bem como as suas estruturas de controle, perpassa por uma série de poderes laterais como a questão da justiça, das instituições psicológicas, psiquiátricas, criminosas, médicas, escolares, isto é, o corpo é definido como normalizado, vigiado e punido quando se fogem as regras disciplinares.

Outra reflexão pertinente ao tema é o fato de que o controle da sociedade sobre as pessoas não se opera somente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no e com o corpo, pois foi no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista como força de trabalho e de produção.

Veiga Neto (1996), um estudioso de Foucault, diante desse processo de análise, entende que as sociedades ocidentais têm dado conta de “engessar” todas as formas de apropriação do conhecimento e as vontades

des de saber e poder que possuem e organizam estes ideais de homem, sociedade e conhecimento.

Ao discorrer sobre a modalidade de poder disciplinar, que surge como uma tecnologia de controle minucioso sobre os corpos dos indivíduos a partir dos séculos XVII e XVIII, Foucault (1979) destaca que este, encontra-se distribuído nas mais diversas instâncias, seja nas penitenciárias, nas escolas, nos hospitais, nos hospícios, nos asilos, na polícia ou nas relações intrafamiliares, em todas as instituições.

O referido autor sustenta ainda que é de interesse dessa modalidade de poder eliminar tudo que não se adequa à regra ou afasta-se dela, isto é, os desvios. Para reduzir esses desvios, ele “compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui” (FOUCAULT, 1979, p. 163). Em uma palavra, ele normaliza por meio do mecanismo de gratificação e sanção, sendo assim, “todo o comportamento cai no campo das boas e das más notas, dos bons e dos maus pontos” (FOUCAULT, 1979, p. 161).

Em se tratando da sala de aula, na relação de forças que se estabelece entre alunos e professor, este é legitimado no papel de quem tem autoridade e, por isso, é quem controla, vigia, pune, conduz a aula, abre e fecha turnos, avalia (FOUCAULT, 1979).

Todavia, Foucault (1979, p. 72) destaca que:

Se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões fossem ouvidas em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino. Na verdade, esse sistema em que vivemos nada pode suportar: daí sua fragilidade radical em cada ponto, ao mesmo tempo, sua força global de repressão.

Outra característica importante da disciplina, segundo o autor, diz respeito ao fato de que ela deve “neutralizar os efeitos de contrapoder que dela nascem e que formam resistência ao poder que quer dominá-la: agitações, revoltas, organizações espontâneas, conluios” (FOUCAULT, 1979, p. 193).

Com efeito, em razão dessa necessidade de controle das situações em sala de aula, qualquer sinal de resistência ao poder deve ser abafado por meio do mecanismo do silenciamento do professor ou do aluno. Para tanto, pode-se utilizar recursos linguísticos (por favor, obrigado), que amenizam o controle ou domínio na relação de forças.

E ainda, foi principalmente na sua obra “Vigiar e Punir” e nos cursos do Collège de France que o teórico mostrou como surgiram, a par-

tir do século XVII, as técnicas de poder que, centradas no corpo dos indivíduos, implicaram resultados profundos e duradouros até mesmo no âmbito macropolítico.

Tomemos como exemplo a prisão que deveria ser um instrumento tão aperfeiçoado como a escola, e agir com precisão sobre o preso, no entanto, o que presenciamos é uma prisão que está longe de transformar os criminosos em pessoas honestas, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade. Contudo, a prisão fabrica delinquentes porque os delinquentes são úteis tanto para o domínio econômico como político.

Ademais, o autor sinaliza que as práticas disciplinares de vigilância e controle se dão preponderantemente por meio do corpo e as suas estruturas que mantém uma relação de disciplinamento social. Nesse momento, Foucault (1979) traz a discussão sobre como essas técnicas tomam o corpo de cada um na sua existência espacial e temporal, de modo a ordená-lo em termos de distribuição, alinhamento e sequenciação, pois tudo isso está submetido a uma vigilância constante.

Dessa maneira, o poder disciplinar exerce seu controle não sobre o resultado de uma ação, mas sobre o seu desenvolvimento. Para tanto, a disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e um registro contínuo de informações sobre os indivíduos que permite distribuí-los, julgá-los, medi-los, localizá-los e utilizá-los ao máximo.

No que concerne à norma e as questões de ordem institucional de governo, as instituições são dispositivos que compreendem o papel regulador atribuído a elas. A formatação e o engessamento sinalizam o papel real de controle e dominação social, ao qual, escolas, igrejas, hospitais e presídios estão submetidos.

E ainda, em relação à instituição escolar, vários profissionais como professores, gestores, coordenadores e inspetores são convidados a exercer funções policiais cada vez mais precisas. Podemos ilustrar essa ideia por meio de um trecho da música composta por Rogers Walter (1976) intitulada *Another Brick in the Wall*:

We don't need no education
We dont need no thought control
No dark sarcasm in the classroom
Teachers leave them kids alone
Hey! Teachers! Leave them kids alone!

All in all it's just another brick in the wall
All in all you're just another brick in the wall

Nessa composição o autor nos convida a refletirmos sobre a opressão do sistema de ensino e apresenta a escola como uma fábrica, cujo objetivo é tornar os alunos assujeitados ao sistema imposto. Tece também uma crítica sempre atual sobre os professores que ridicularizam e ignoram a criatividade dos alunos, tentando controlar o pensamento dos mesmos, valendo-se de uma falsa liberdade durante as aulas.

No próximo tópico, apresento uma breve análise sobre a escola enquanto instituição disciplinar com o intuito de ampliar a reflexão sobre o assunto.

4. A escola enquanto instituição disciplinar

A escola, poderosa máquina de vigilância da modernidade, resulta de um longo processo histórico que a impõe como lugar privilegiado, exclusivo e legitimado de saber. Neste artigo, não se objetiva concordar ou divergir da escola ou da forma que ela está posta, mas fazer uma sucinta análise da escola enquanto instituição disciplinar.

Comenius, um dos maiores educadores do século XVII, elucida que “a todos aqueles que nascem homens é necessária a educação, porque é necessário que sejam homens, não animais ferozes, nem troncos inertes” (COMENIUS, 1957, p. 125).

A perspectiva comeniana de educação não aceita que o indivíduo não passe pelo processo de escolarização, uma vez que entende o ser humano como educável por natureza.

Desta maneira, a visão de educação trazida pela escola moderna, entende que todo ser humano é capaz de ser educado, por isso considera a educação obrigatória.

Todavia, pensando na educabilidade humana, uma das preocupações desta escola foi instituir pedagogias corretivas, no sentido de dar conta daqueles alunos que não se enquadram no padrão de normalização imposta.

Um exemplo da pedagogia corretiva do século XIII que podemos citar são as ordenações por fileiras que começam a dividir o corpo discente de forma a organizar a escola em arranjos, surgindo às filas para entrar e sair da sala, filas no corredor, no pátio, por séries, por idade, por

altura. Esse mecanismo serve também para controlar os corpos, bem como para localizar os alunos que não se ajustam nessa estrutura.

Kant (1990), pensador moderno do final do século XVIII já afirmava que as crianças são mandadas à escola muito cedo, não para que aprendam alguma coisa, mas para que acostumem a ficar sentadas nas carteiras e obedeçam àquilo que lhes é mandado fazer.

Por meio dessa afirmação, o filósofo deixa claro que o objetivo da escola moderna é disciplinar. E ainda, ao associar escola à disciplina, ele marca de maneira importante o papel que o tempo e o espaço ocupam nesse processo.

Assim, a instituição escolar, em sua constante busca pelo enquadramento dos sujeitos, normatiza o tempo, produzindo sujeitos autocontrolados. Ademais, ao normatizar o tempo, a escola passa a exigir que todos internalizem e aprendam em tempo delimitado que serve como medida comum a todos.

Com efeito, essa instituição acaba por excluir àqueles que não conseguem aprender nesse tempo, o que caracteriza uma perversa estratégia da escola moderna para determinar os que podem ou não ocupar o espaço escolar.

Em verdade, a escola enquanto aparelho disciplinador precisa constituir-se num espaço útil para o capitalismo, pois este só poderia ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no mecanismo de produção, por meio de um ajustamento da população aos processos econômicos.

Contudo, a escola enquanto máquina de governabilidade constitui-se em um espaço de governo da alma dos sujeitos, operando a partir de sua subjetividade e fazendo uso do poder que a sustenta.

Dessa maneira, a escola foi inventada para disciplinar e governar os sujeitos modernos, dispensando o uso da violência, e valendo-se de métodos sutis de persuasão que agem de maneira indireta sobre as escolhas dos indivíduos, de seus desejos e conduta, deixando o sujeito “livre para escolher”, mesmo que constantemente ele esteja envolvido por normas que aprisionam à sua própria consciência.

5. Considerações finais

Se, ao começar a escrever um livro, você soubesse o que irá dizer no final, acredita que teria coragem de escrevê-lo? O que vale para a escrita e a relação amorosa, vale também para a vida. Só vale a pena na medida em que se ignora como terminará. (FOUCAULT, 2004, p. 294)

Neste artigo, busquei sinalizar a importância do pensamento foucaultiano para refletir sobre os problemas educacionais no que tange o tema disciplina escolar e o conceito de que o bom professor é aquele que demonstra domínio de sala.

Acredito que a proposta aqui apresentada se situa como um exercício de pensar o presente, entendendo os acontecimentos do passado.

Ao evidenciar essa discussão para o cenário educacional, percebo que a maneira como agimos e pensamos na escola atua em plena sintonia com uma governabilidade.

Ademais, em diferentes momentos históricos foi possível evidenciar que a escola sempre procurou manter a disciplina dos corpos e, portanto, da ordem social.

A remanescência do conservadorismo na sociedade moderna no que diz respeito a disciplina escolar ainda resiste fortemente no discurso da equipe técnica escolar, uma vez que esta classifica o bom professor como aquele capaz de disciplinar e controlar os alunos em sala durante todo o período da aula.

Contudo, não podemos esquecer que se a escola tem sido um dispositivo disciplinador, ela também é um espaço social no qual se exerce contrapoderes. Atualmente, podemos presenciar que na relação pedagógica o aluno não é mais somente passivo, ele é, em grande parte, um agente de poder, o que nos leva a refletir que dependendo das estratégias de cunho pedagógico que adotamos, algumas vezes somos vítimas, outras vezes somos sujeitos desse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMENIUS, Jean Amós. *Didactica magna*. Praga, 1957.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. E Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. Verdade, poder e si mesmo. In: _____. *Ditos & escritos*, vol. V – Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é iluminismo? In: _____. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Arthur Morão. São Paulo: Edições 70, 1990.

VEIGA NETO, Alfredo. *A ordem das disciplinas*. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1996.

WALTER, Rogers. *Another Brick in the Wall*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/pink-floyd/another-brick-in-the-wall.html>>. Acesso em: 01 out, 2013.